



Licenciatura em Terapia da Fala

**Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças  
nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de  
idade**

Monografia de Final de Licenciatura

Elaborado por Susana Sousa

Aluno nº 200691272

Orientador: Maria Manuel Vidal

Barcarena

Junho de 2010

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade - Licenciatura em Terapia da Fala*

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade - Licenciatura em Terapia da Fala*

O autor é o único responsável pelas ideias expressas neste relatório.

## **DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS E FONOLÓGICAS DAS CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO VERSUS A TERMO ENTRE OS QUATRO E OS SEIS ANOS DE IDADE**

Description of phonetic and phonological characteristics of children born preterm versus term between four and six years of age

Susana Cristina Vieira da Costa Simões de Sousa, n.º 200691272  
Orientador: Professora Assistente, Licenciada Maria Manuel Vidal

### **RESUMO**

**Objetivo:** descrever os vários aspectos fonéticos e fonológicos do discurso de crianças com idades compreendidas entre os 4;0 e 5;11 anos, que apresentem Idade de Gestação ao Nascimento (IGN) inferior a 37 semanas, comparativamente com a fala das crianças nascidas a termo (IGN igual ou superior a 37 semanas) e que estejam inseridas em jardim-de-infância. **Método:** a amostra é composta por seis crianças, das quais três nasceram prematuramente e as restantes três nasceram a termo. Foi utilizado um instrumento de recolha de dados – Teste Fonético-Fonológico – Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (TFF – ALPE) (Mendes, et al., 2009) – para se proceder à avaliação fonética e fonológica. Durante os períodos de recolha dos dados da avaliação será utilizado um gravador, com o intuito de garantir uma recolha e análise mais fiável. Através da recolha dos dados, procedeu-se à análise estatística e, posteriormente, à análise descritiva dos mesmos. Para a recolha dos dados estatísticos elaborou-se uma base de dados SPSS (software estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*)). Quanto à análise da informação obtida e resultados das avaliações elaboraram-se tabelas de frequência, acompanhadas de uma análise descritiva dos mesmos. **Resultados:** os resultados demonstraram que as crianças pré-termo (PT) a nível fonético produziram um total de 49 (54,44%) processos fonéticos e as crianças do grupo de controlo (a termo – T) produziram 16 (17,77%) processos. Nos processos fonológicos o primeiro grupo (PT) apresentou 13 processos fonológicos dentro da média ( $P_{50}$ ), na totalidade dos processos (27) realizados pelas 3 crianças do que o grupo de controlo, não revelando disparidades significativas em relação ao grupo de controlo. **Discussão:** de acordo com os resultados obtidos, considera-se que o grupo de crianças pré-termo apresentou pontos inferiores às crianças a termo ao nível da articulação

verbal, mas a nível fonológico os resultados não foram muito díspares. A partir dos resultados obtidos verificou-se que existem inúmeros aspectos para além da prematuridade que podem condicionar o seu desenvolvimento linguístico e da fala, tal como a estimulação e ambiente familiar e social. **Conclusão:** Este estudo demonstrou que as crianças prematuras, comparativamente, com o grupo de controlo (nascidas a termo) apresenta capacidades articulatórias inferiores às das crianças a termo, confirmando os resultados obtidos em estudos realizados anteriormente por diversos autores, mas linguisticamente apresentam competências fonológicas ambos os grupos de crianças se encontram em níveis equiparados. Esta constatação acentuou a necessidade de avaliações mais precisas e rigorosas (como o discurso espontâneo), bem como a emergência da detecção e encaminhamento precoces de situações em que se verifiquem alterações a este nível que possam comprometer o desenvolvimento futuro destas crianças, nomeadamente, nas aprendizagens escolares.

**Palavras-chave:** Fonética; Fonologia; Perturbações articulatórias; Pré-termo; Termo; Terapia da Fala

---

## **ABSTRACT**

**Objective:** to describe the various phonetic and phonological aspects of speech of children between the ages of 4;0 and 5;11, who present Age of Gestation to Birth (AGB) fewer than 37 weeks, compared with the speech of children born at term (AGB fewer than 37 weeks) , both inserted into garden-care. **Method:** the sample is composed of six children, three of which were born prematurely, whilst the remaining three were born at term. It was used a data collection instrument for the assessment with the Phonetic-Phonological Test - Evaluation of Language Preschool (TFF - ALPE) (Mendes, et al., 2009). During periods of collection of assessment, a voice recorder will be used in order to ensure a more reliable collection and analysis. After collecting the data, we performed the statistical analysis and then to the descriptive analysis of them. For the collection of statistical data, a database was created up using SPSS (statistical software SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*)). For the analysis of the

gathered information and results of evaluations, prepared tables were often accompanied by a descriptive analysis of the tables themselves. **Results:** the results showed that the preterm infants (PT) at phonetic they produced a total of 49 (54.44%) phonetic processes and children in the control group (full term - T) yielded 16 (17.77%) cases. Phonological processes in the first group (PT) had a higher number of results within the average range ( $P_{50}$ ) than the control group. **Discussion:** according to the results, it is considered that the group of preterm children had lower points than the term children at the level verbal articulation, but at phonological level the results were not very different. The results obtained showed that there are many aspects in addition to prematurity, which may have an effect on their language development and speech, as the stimulation and family and social environment. **Conclusion:** This study show that the preterm children, when compared with the control group (born at term), has capabilities below the articulation of the term infants, confirming the results obtained in previous studies by several authors, but linguistically have superior phonological skills. This finding emphasize the need for more precise and rigorous assessments (such as spontaneous speech), as well as the emergence of early detection and referral of situations which changes occur at this level, in a way that could compromise the future development of these children, in particular, in the learning school.

**Keywords:** phonetics, phonology, articulation disorders, pre-term, term, Speech Language Therapy

## **Introdução**

A linguagem é um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados (representações do que é real), usado em diversas modalidades ao qual o ser humano recorre para comunicar e pensar (ASHA, 1983, citado por Sim-Sim, 1998). Esse sistema complexo refere-se ao conjunto de todos os elementos que formam a linguagem na sua totalidade, pelo que é possível afirmar que o sistema linguístico é composto por várias áreas tradicionalmente básicas, como a fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, fonética, psicolinguística, entre outras (Faria et al., 2005; Fromkin & Rodman, 1993; Sim-Sim, 1998), sendo que este estudo incidirá sobre as vertentes fonológica e fonética.

A fala é considerada a estruturação da mensagem de acordo com as regras do sistema linguístico, ou seja, “(...) é a produção da linguagem na variante fónica, realizada através do processo de articulação de sons” (Sim-Sim, 1998), afigurando-se como meio verbal da comunicação (ASHA, 2007). Para Castro e Gomes (2000) “a fala é a manifestação por excelência da linguagem (...)”.

A relevância desta temática linguística prende-se com o facto de a fonética ser a concretização de todo o sistema e representação fonológica que o ser humano adquire e que, por sua vez, não existiria sem essa mesma concretização motora, revelando-se assim uma relação de interdependência. Nesta perspectiva, pretende-se que o estudo incida sobre estas duas vertentes que compõem o sistema linguístico de cada indivíduo.

No que respeita às áreas da linguagem em estudo, é fundamental aprofundar e distinguir a fonologia da fonética e compreender a interacção e influência mútua que cada um destes subsistemas exerce, bem como a importância do seu desenvolvimento adequado para o crescimento e desenvolvimento das crianças.

Os sons da fala são a realização do conhecimento implícito e inconsciente que os falantes possuem dos sons da língua, bem como da utilização que fazem dos mesmos – fonologia. Esta área linguística é composta por unidades fonológicas específicas, isto é, unidades mínimas distintivas de cada língua – os fonemas – que quando combinadas originam diversas palavras com significados distintos. No entanto, o que permite

distinguir uma palavra de outra é a utilização de um som diferente numa das palavras, ou seja, realização de pares mínimos (Sim-Sim, 1998; Mendes, Afonso, Lousada, e Andrade, 2009). De um modo geral compreende-se que o objecto de estudo da fonologia são os sistemas de sons das línguas particulares, por meio do conhecimento e explicação do funcionamento desses sistemas (Sim-Sim, 1998).

Ao longo da sua vida as crianças desenvolvem-se pessoal, linguística, psicológica, social e culturalmente em função dos estímulos a que são expostas diariamente. No que se refere ao desenvolvimento linguístico destaca-se o facto da linguagem expressiva ocorrer durante os primeiros anos de vida das mesmas. Durante este período todas as crianças deverão adquirir os fonemas da língua, sendo que estes deverão estar totalmente estabelecidos/integrados quanto às suas posições nas sílabas e nas palavras. (de acordo com a cronologia – aspecto similar para a maior parte das crianças) (Keske-Soares, Blanco e Mota, 2004, citado por Ferrante, Van Borsel, Pereira, 2008). Ou seja, devem aprender quais os sons usados na sua língua e como é que os mesmo se organizam (Pereira e Mota, 2002, citado por Ferrante, Van Borsel, Pereira, 2008).

Todavia, o sistema fonológico, de qualquer língua, ocorre de forma contínua e gradual até aos 7 anos. O desenvolvimento e construção do mesmo incluem o inventário fonético, bem como as regras fonológicas que cada criança possui.

Pela sua complexidade, este processo exige aquisição de todo um sistema de sons que está intimamente relacionado com o crescimento global da criança na cultura que se insere, em relação ao idioma (*idem*). Deste modo, enfatiza-se o facto de cada criança desenvolver a linguagem de forma particular (Lowe, 1996, citado por Ferrante, Van Borsel, Pereira, 2008), embora haja aspectos comuns a todas as línguas, isto é, há processos e características linguísticas comuns. Estes mecanismos são os responsáveis pela construção da gramática de todas as línguas, no geral, e em cada uma das áreas da língua em particular, como por exemplo as *vogais* e as *consoantes* na área da fonologia, a *raiz da palavra* na morfologia e o *nome* e o *verbo* na sintaxe. A fonologia respeita todo um conjunto de regras que são universais para todas as línguas - os universais linguísticos ou categorias universais (Mateus, Falé e Freitas, 2005, pp. 21).

Relativamente à fonética, esta caracteriza-se como a área linguística responsável pelo estudo dos sons da fala, desde sua produção à sua percepção. Este estudo visa/permite descrever os aspectos concretos e actuais da produção da fala, o modo como os sons são produzidos e a sua forma, ou seja, actua no âmbito da produção, conceptualização e composição/morfologia, subdividindo-se, por isso, em três áreas distintas: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva (Mateus, Falé e Freitas, 2005). Todavia, embora diferentes entre si, estas vertentes da fonética complementam-se e interligam-se na medida em que combinam para possibilitar a oralidade/articulação verbal.

A fonética articulatória (âmbito da produção) incide sobre os movimentos das estruturas fisioanatómicas que possibilitam a fonação, articulação e ressonância; a fonética acústica (conceptualização) estuda e caracteriza as propriedades físicas inerentes aos sons da fala; e a fonética perceptiva (discriminação dos sons) analisa o modo os sons da fala são interpretados e discriminados pelo aparelho auditivo, sistema este que é responsável pela transformação dos sinais acústicos em sinais eléctricos, os quais por acção do sistemas nervoso central são descodificados e interpretados a nível linguístico (idem; Mendes, Afonso, Lousada, e Andrade, 2009).

Relativamente à conceptualização e concretização de uma dada língua, os fones definem-se como a realização fonética da mesma. Todavia, de acordo com a posição que cada fone ocupa numa palavra, assim um mesmo fonema poderá assumir/adquirir realizações distintas – alofones (ou variantes contextuais) (Faria et al, 1996).

Segundo Wertzner (2004, citado por Ferrante, Van Borsel, Pereira, 2008), entre o primeiro ano e meio e os 4 anos de vida existe um aumento do inventário fonético das crianças, nomeadamente, surgem palavras polissilábicas e estruturas silábicas mais complexas e verifica-se que os processos mais frequentes são as substituições e omissões de sons.

As perturbações articulatórias, decorrentes de alterações nos níveis fonéticos (perturbação fonética) e fonológicos (perturbação fonológica) da linguagem, ocorrem frequentemente na população infantil (Andrade, 1997, citado por Ferrante, Van Borsel,

Pereira, 2008). Caso estas alterações não sejam diagnosticadas e “tratadas” atempadamente podem constituir-se como factores prejudiciais ao desenvolvimento infantil, bem como às relações sociais e escolares desenvolvidas pela mesma população.

Os processos fonológicos caracterizam-se como mudanças constantes que ocorrem ao nível de uma classe ou sequência de sons, alterações estas que compõem as produções da fala das crianças com o objectivo de simplificar as produções dos adultos (Lowe, 1996, citado por Ferrante, Van Borsel, Pereira, 2008) e que podem ocorrer ao longo do desenvolvimento infantil, durante um certo período de tempo. São usualmente classificados de acordo com o subsistema que pode sofrer alterações, nomeadamente ao nível da estrutura silábica (Magalhães, 2003), substituição e assimilação de sons ou traços distintivos (Van Borsel, 2003; Gonçalves, 2002).

Segundo Guimarães e Grilo (1997), o desaparecimento dos processos fonológicos respeita uma determinada cronologia, de acordo o desenvolvimento fonológico e fonético de uma criança em determinadas etapas/faixas etárias da sua vida. Assim, até aos 3 anos são inúmeros os processos que deverão deixar de ocorrer desde reduplicação da sílaba tónica, omissão de sílabas átonas e neutralização a vozeamento de consoantes pré-vocálicas, desvozeamento de consoantes finais, nasalização das vogais que precedem vogais nasais, assimilação (labial, alveolar e velar), palatalização, despalatalização, omissão da consoante final e, ainda, omissão da consoante final líquida vibrante. Após este limiar (3 anos de idade) existem alguns processos que ainda poderão persistir, consoante o estadio de desenvolvimento em que a criança se encontra, tendo em conta o curso do desenvolvimento fonológico normal, e os factores normais de (i)maturidade da mesma, nomeadamente: omissão do encontro consonântico com /ʃ/, anteriorização das consoantes /k/, /g/ e /ŋ/, oclusão das consoantes contínuas /f/, /v/, /s/ e /z/, semivocalização de /r/, substituição de /r/ por /l/, oscilação entre as laterais, epêntese de grupos consonânticos e redução de grupos consonânticos.

De acordo com outros estudos, nomeadamente de Castro et al (1997), Castro et al (1999) e Cambim (2001) (citado por Mendes, Afonso, Lousada, e Andrade, 2009) é respeitada uma cronologia de ocorrência dos processos e não uma idade específica de

desaparecimento dos mesmos, correspondendo a etapas etárias similares ao referenciado por Guimarães e Grilo (1997), e as quais se sistematizam da seguinte forma:

Processo Fonológico	Idade de desaparecimento (anos; meses)	
	Cambim (2001)	Castro et al (1997; 1999)
Vozeamento inicial	antes dos 3;6	-----
Desvozeamento (final)	antes dos 3;6	depois dos 4 anos
Omissão de consoante final	4;0	depois dos 5 anos
Anteriorização	4;0 – 4;6	-----
Assimilação	3;0	depois dos 3 anos
Omissão de sílaba átona	4;0	depois dos 4 anos
Redução de grupo consonântico	-----	depois dos 5 anos
Simplificação de líquidas	depois dos 3;0	depois dos 4 anos
Semivocalização de líquidas	-----	-----
Oclusão de /f/	antes dos 3	depois dos 4 anos
Oclusão de /s/	antes dos 3	depois dos 4 anos
Oclusão de /v/	antes dos 3	depois dos 4 anos
Oclusão de /z/	antes dos 3	depois dos 4 anos
Oclusão de /ʃ/	antes dos 3	depois dos 4 anos
Oclusão de /ʒ/	antes dos 3	depois dos 4 anos

**Tabela 1:** Idades (anos:meses) de desaparecimento dos processos fonológicos  
Mendes, Afonso, Lousada, e Andrade (2009)

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) (1969, citado por Hass, 2007), o conceito de prematuridade refere-se a todos os recém-nascidos com menos de 37 semanas de idade de gestação ao nascimento. Quando os bebés nascem às 37 semanas ou após este período considera-se que os neonatos nasceram a termo (Salvador, s.d.).

De acordo com a divulgação lançada em 2002 no âmbito do Plano Nacional de Saúde 2004-2010 (Ministério da Saúde – Direcção Geral da Saúde), o índice de nascimento de bebés prematuros aumentou em Portugal, contrariando as metas estabelecidas pela mesma entidade. Em 2004 verificaram-se 6,8% de nascimentos prematuros e, em 2007, os nados vivos com menos de 37 semanas já representavam 9,1% dos nascimentos, sendo que este número tenderá a aumentar exponencialmente. Este acréscimo, que também se verifica noutros países ocidentais, deve-se a vários factores, sendo um dos principais o adiamento da maternidade. Em 2002, a percentagem de mulheres com idade superior ou igual a 35 anos que tinha filhos era de 14,4%, em 2007 atingiu os 18,5%. Ao mesmo tempo, constata-se que uma grande percentagem de nascimentos prematuros ocorre em mães de origem africana. Alguns dos factores que estão na base

da prematuridade, e que evidenciam de modo mais notório tal facto, são a reduzida taxa de natalidade e a componente de imigração (subjacente à mesma taxa).

Segundo pesquisas efectuadas neste âmbito, demonstrou-se que nas crianças pré-termo existe a presença de um risco acrescido de alterações no processo de evolução destas crianças, pela sua susceptibilidade em contrair doenças. São igualmente enfatizadas as consequências da prematuridade na qualidade do desenvolvimento infantil, assim como as suas possíveis associações a comprometimentos sensoriais, problemas de crescimento e perturbações da aprendizagem (Pinheiro e Azevedo, 2004; Niklasson et al., 2003; Méio et al., 2003; Linhares, 2003; Hansen et al., 2002; Carvalho et al., 2001; Magalhães et al., 1999; Magalhães et al., 1998, *citado por* Ishii, et al. 2006). Concomitantemente, as alterações do desenvolvimento da linguagem são fenómenos/aspectos que estão presentes entre os riscos que a prematuridade pode originar. Diversos estudos demonstram que crianças prematuras iniciam o período de verbalização mais tardiamente do que crianças nascidas a termo (Oliveira et al., 2003; Basseto et al., 1998, *citado por* Ishii, et al. 2006), e apontam também para a discrepância da extensão do vocabulário e da funcionalidade linguística no início da verbalização (Kilbride et al., 2004; Bruce et al., 2003; Cusson, 2003; Isotani et al., 2002, *citado por* Ishii, et al. 2006).

Visto que os prematuros nascem sob condições intrínsecas adversas, este estudo pretendeu avaliar se existem fundamentos para intervenções precoces e continuadas que minimizem os efeitos das possíveis dificuldades, nomeadamente em idade pré-escolar, ou seja, numa fase de desenvolvimento que exige o alcance e aquisição de grandes desafios a nível cognitivo e de interacção social.

Os dados mencionados até agora mostram que, apesar dos avanços técnicos e científicos, a prematuridade tem um impacto social, clínico e epidemiológico, sendo um tema real e actual, que desperta uma atenção acrescida. Por esse motivo têm sido realizados estudos focados em diversas áreas do desenvolvimento dos prematuros.

Actualmente, subsiste alguma discussão quanto ao facto de a prematuridade ser condicionadora de dificuldades da fala, linguagem, audição, deglutição e patologias

neuropsicomotoras. Certos autores sugerem que as contrariedades que os prematuros enfrentam logo no início da sua vida não perturbarão de forma assinalável as aquisições futuras. Carvalho, Linhares e Martinez (2001) não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre crianças nascidas pré-termo e a termo (entre os 8 e os 10 anos de idade e durante os primeiros anos de vida, respectivamente), relativamente aos padrões da fala, linguísticos e cognitivos.

Encontram-se ainda relatos de que terá que existir a associação de algum outro aspecto (biológico, social e/ou ambiental), tal como baixo peso à nascença, complicações decorrentes da prematuridade, nível de instrução dos pais/cuidadores, estimulação e participação activa por parte dos pais/cuidadores, entre outros (Carvalho, Linhares e Martinez, 2001; Gama e tal, 2001; Gassar e Piek, 2003; Kilbrid, Tharstad e Daily, 2004; Rugolo, 2005; Schirmer, Portuguez e Nunez, 2006; Vohr e tal, 2000; Rugolo, 2005). Contudo, a prematuridade é uma interferência na maturação neurológica e no desenvolvimento fisiológico, sendo a origem de diversas condições prejudiciais, tornando-se, “per si”, num factor de vulnerabilidade (Perissinato e Isotani, 2003).

Schirmer, Portuguez e Nunez (2006) concluíram que, das crianças estudadas, as que nasceram prematuramente e com baixo peso (< 2500 gramas) apresentaram um risco acrescido de ter um atraso do desenvolvimento da linguagem, verificando-se uma elevada prevalência de alterações na aquisição da linguagem expressiva. Foi ainda registado que quanto menor a IGN, maior a possibilidade da criança apresentar alterações na aquisição da linguagem. Da mesma forma, os resultados de Gama et al (2001) e de Ishii et al (2006) permitiram concluir que as crianças pré-termo apresentaram atrasos no desenvolvimento da fala e da linguagem, nomeadamente aos 4 e 5 anos de idade.

Deste modo, é fundamental realçar as palavras de Rugolo (2005) ao referir que *“quanto menor o peso de nascimento e idade gestacional, maior a probabilidade de atraso nos vários estágios do desenvolvimento da linguagem”* e que *“as dificuldades no desenvolvimento da linguagem podem persistir até á idade escolar e comprometer o desempenho da criança (...) sendo o atraso na fala a alteração mais frequente”*.

Todos os dados aprofundados teoricamente até aqui, apontam para a necessidade de relacionar, em cada faixa etária, a idade de gestação da criança com o seu desenvolvimento fonético e fonológico. Esta relação permitirá uma aplicabilidade directa na prática do Terapeuta da Fala, bem como na detecção e estimulação precoce de alterações a este nível em crianças prematuras.

Uma das motivações para a escolha deste tema decorre de algumas experiências e observações não empíricas da aluna que vão de encontro com a afirmação de Sim-Sim (1998) de que *“A imaturidade articulatória, não sendo sempre indicadora de problemas graves, pode, se não lhe for prestada a atenção devida, resultar em dificuldades escolares, nomeadamente na aprendizagem da leitura e escrita.”* O desenvolvimento da fala e da linguagem é um bom indicador do desenvolvimento global da criança, estando associado ao sucesso escolar e à adaptação psicossocial e comportamental. A articulação verbal não influenciará só a oralidade, podendo, igualmente, ser considerada como uma base importante para a adequada expansão linguística a todos os níveis, uma vez que a criança tem que aprender a lidar com a sua linguagem falada, como alicerce/pilar para o desenvolvimento da linguagem escrita (*idem*; Stackhouse & Wells, 1997).

Foram consideradas para esta investigação algumas pesquisas que têm vindo a ser conduzidas ao longo das últimas duas décadas, que têm revelado uma relação entre perturbações da fala e o desenvolvimento da consciência fonológica (Bird & Bishop; Bird, Bishop & Freeman; Marian, Sussman & Marquandt; Webster & Plane *cit in* Yavas, 1998), ou seja, a capacidade para manipular e reflectir sobre a estrutura de uma língua.

As razões que presidiram à opção da comparação entre crianças nascidas pré-termo e crianças nascidas a termo foram os indícios de que a prematuridade característica dos neonatos pode condicionar várias áreas essenciais ao seu desenvolvimento (Bloch, Lequien & Provasi, 2003), tal como já foi referido anteriormente.

A finalidade desta investigação consiste então em explorar, descrever e comparar fenómenos, para verificar a relevância de se efectuarem pesquisas futuras, talvez mais

abrangentes e complexas que proporcionem dados estatísticos que possam ser representativos de uma determinada região.

Assim, o objectivo foi a caracterização dos vários aspectos da fala de crianças com idades compreendidas entre os 4 anos e os 5 anos e 11 meses, cuja idade de gestação ao nascimento tenha sido inferior a 37 semanas, confrontando-as com o grupo de controlo das crianças nascidas a termo normal. Para além de futuras pesquisas, este projecto poderá ser útil na prática dos Terapeutas da Fala, porque dependendo das possíveis presenças ou ausências de disparidades no desenvolvimento fonético e fonológico de ambos os subgrupos de crianças, assim se poderá determinar e aplicar uma intervenção, a mais adequada possível a cada subgrupo, de acordo com as dificuldades ou alterações mais significativas das duas partes. Por outro lado, esta investigação possibilitará a detecção precoce dos problemas da fala e da linguagem por parte deste profissional, o qual poderá advir da referenciação e encaminhamento precoce e eficaz por parte dos educadores de infância.

Deste modo, pretendeu-se verificar o tipo de comportamentos entre as variáveis seleccionadas e as relações que pudessem existir entre si, para o desenvolvimento de argumentos que remetam para uma investigação subsequente.

## **Metodologia**

No âmbito do enquadramento metodológico a investigação a realizada apresenta um carácter exploratório-descritivo (nível II), pois pretendeu-se investigar através da exploração e descoberta de fenómenos, bem como descrever, nomear e caracterizar os fenómenos envolventes. Para além disso visou a identificação e descrição das relações existentes entre os vários factores e variáveis em estudo. Ou seja, teve como finalidade caracterizar os factores determinantes ou conceitos que possam estar, casualmente, associados ao(s) fenómeno(s) em estudo.

Em suma, este tipo de estudo concentra em si mesmo duas grandes perspectivas e abordagens: a descritiva, que satisfaz dois princípios, nomeadamente, a descrição de um conceito referente a uma população e a descrição das características da população no

seu todo; e a exploratória, que incide maioritariamente na descoberta e exploração de relações entre os diferentes conceitos/fenómenos e as variáveis em estudo.

Assim, a combinação de ambas as componentes vai permitir, através deste estudo, descrever a incidência e a prevalência de um fenómeno numa dada população (Fortin, 2003). O estudo exploratório-descritivo de nível II é realizado quando já existe alguma documentação/informação acerca do assunto/tema que se pretende investigar e estudar, embora as mesmas possam ainda suscitar algumas dúvidas e inconsistências.

A técnica de observação é um elemento fulcral na realização de qualquer processo de investigação. Assim, constitui-se como o elemento central da investigação, pelo que está presente em todas as etapas e fases do estudo, podendo ser mais ou menos estruturada consoante o estudo em causa. Neste caso utiliza-se um tipo de observação estruturada, nomeadamente pela recorrência a avaliações precisas e devidamente orientadas e determinadas para um fim específico (avaliação da articulação verbal).

A amostra é constituída por 6 crianças entre os 4 anos e 5 anos e 11 meses de idade, nascidas ou não prematuramente, das quais 3 pertencem ao grupo de crianças nascidas pré-termo (idade de gestação ao nascimento inferior a 37 semanas) e a outra metade ao grupo de controlo, isto é, de crianças nascidas a termo (IGN superior ou igual a 37 semanas), emparelhadas com o primeiro grupo em idade e género.

O facto da amostra deste estudo ser composta apenas por 6 indivíduos condiciona a investigação, na medida em que esta não apresenta um valor significativo que possa ser válido para toda a população nas condições propostas. Desta forma, a amostra comporta uma análise não probabilística do estudo. Esta limitação deve-se ao factor temporalidade subjacente ao período destinado à recolha de autorizações e momentos de avaliação e recolha de dados, o qual foi muito reduzido.

O tipo de amostra utilizado no estudo é de conveniência, já que envolve a selecção, de entre toda a população, das pessoas mais acessíveis (Hicks, 2006; Fortin, 2003), neste caso pertencentes aos locais que se encontram mais perto da zona de residência da aluna, referindo-se a crianças entre os 4 anos e os 5 anos e 11 meses que frequentem o

jardim-de-infância, pertencentes ao concelho de Oeiras, mais especificamente pertencentes a estabelecimentos da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras.

Como variáveis de controlo deste estudo foram seleccionadas como variáveis de inclusão: a idade de gestação ao nascimento (IGN) inferior e 37 semanas e a IGN igual ou superior a 37 semanas, para crianças nascidas pré-termo e a termo, respectivamente; idades compreendidas entre os 4 anos e 0 meses e os 5 anos e 11 meses de idade; a Língua Portuguesa como língua materna. Quanto às variáveis de exclusão, consideraram-se pertinentes os seguintes aspectos: a presença de alterações neurológicas e/ou do desenvolvimento e a frequência de Terapia da Fala, anteriormente à avaliação.

Relativamente ao instrumento de investigação a utilizado para a recolha de dados recorreu-se ao Teste Fonético-Fonológico – Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (TFF – ALPE) (Mendes, Afonso, Lousada, e Andrade, 2009). Contudo, considera-se que seria de extrema importância e pertinência a utilização de outras técnicas (por exemplo, técnicas informais) com o objectivo de avaliar e recolher amostras de fala representativas do discurso espontâneo. Durante os períodos de recolha dos dados da avaliação utilizou-se um gravador, com o intuito de garantir uma recolha e análise mais fiável.

O Teste Fonético-Fonológico – Avaliação da Linguagem Pré-Escolar é parte integrante do instrumento de Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (ALPE) – ainda em construção, cujo objectivo é avaliar formalmente a linguagem de crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e 0 meses e os 5 anos e 12 meses ou 6 anos e 12 meses, dependendo do domínio linguístico avaliado, que tenham o Português Europeu (PE) como língua materna. Relativamente ao Teste Fonético-Fonológico, este visa avaliar a habilidade de articulação verbal, o tipo e percentagem de ocorrência de processos fonológicos, bem como a possível inconsistência na produção repetida da mesma palavra em crianças dos 3 anos e 0 meses aos 6 anos e 12 meses. Não obstante, este teste encontra-se organizado em três sub-testes, designadamente os sub-testes fonético (articulação verbal), fonológico e de inconsistência (*idem*), sendo que esta última prova não foi realizada, extrapolando os objectivos do estudo.

Embora não tenha sido realizada uma avaliação e análise do discurso espontâneo, sugere-se que, sempre que seja necessário recorrer à mesma, se utilize uma avaliação fonética e fonológica do mesmo tendo por base uma recolha informal dos dados. Por exemplo, essa recolha poderá assentar na utilização de imagens para descrever. Contudo, a análise do discurso espontâneo apenas poderá ser realizada de modo fiável quando acompanhada dos instrumentos de análise e registo adequado das amostras de fala. Foi elaborada uma *Grelha de registo da análise fonético-fonológica do discurso espontâneo* (Sousa e Vidal, 2010), analisada em conjunto com a orientadora e, posteriormente proposta a um painel de peritos, para reformulação da mesma e elaboração da versão final a ser utilizada.

Esta metodologia é imprescindível, pois possibilita averiguar a presença ou ausência de alterações fonético-fonológicas no discurso oral espontâneo, consistência das mesmas, podendo não se evidenciar de modo significativo em provas de avaliação formais. No entanto, esta análise não foi realizada, tendo em conta o objectivo final do estudo, considerando-se uma limitação ao mesmo.

Para a actual investigação, optou-se pela adopção do Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet - IPA*) da International Phonetic Association (2005) e do Alfabeto Fonético SAMPA (*Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet*).

As razões que presidiram à utilização do SAMPA, prendem-se com o facto de esta notação derivar do IPA, podendo ser representada através do conjunto de caracteres ASCII, disponíveis em qualquer teclado normal, facilitando e possibilitando a análise estatística dos dados pretendidos.

De forma a cumprir os objectivos propostos, desenvolveu-se um conjunto de procedimentos ao longo da investigação, designadamente procedimentos relacionados com a avaliação fonético-fonológica realizada em âmbito formal.

Paralelamente, foram estabelecidos contactos e solicitadas autorizações específicas às instituições nas quais decorreu o processo de investigação e recolha de dados (por meio de consentimentos informados), de modo a obter uma base de contactos com os responsáveis dos mesmos espaços, bem como com os educadores de infância das

crianças (participantes) e seus encarregados de educação, considerando para o mesmo efeito os custos de envio de autorizações formais por correio, deslocações às instituições seleccionadas e o interesse das mesmas organizações em apoiar e colaborar neste estudo. Por outro lado, após aprovação das instituições realizaram-se breves reuniões com o objectivo de explicar às educadoras de infância (mediadoras do processo entre a aluna e os encarregados de educação das crianças), qual o procedimento a utilizar para a selecção de crianças nascidas pré-termo e a termo.

Com os contactos seleccionados marcou-se um momento de reunião e encontro individual com cada uma das crianças visando à avaliação fonético-fonológica.

A recolha de informação teve fins meramente científicos, tido recorrido para tal a meios pedagógicos, assegurando-se deste modo a confidencialidade mediante a atribuição de um código a todos os documentos de registo, não sendo divulgada a identidade dos participantes.

Com base nos resultados obtidos nas avaliações efectuadas, procedeu-se à construção estruturada uma base de dados na qual foram inseridos e contemplados todos os dados relativos aos dados pessoais dos participantes (código de identificação, idade, data de nascimento, idade de gestação ao nascimento, escolaridade, estabelecimento de ensino e sala que integram no mesmo meio escolar, habilitações literárias do encarregado de educação), bem como data de avaliação de cada um dos participantes e itens/elementos de avaliação contemplados em ambos os sub-testes aplicados. A partir desta base de dados procedeu-se ao tratamento e à análise dos dados recolhidos, permitindo assim extrair as conclusões relacionadas com o estudo em causa.

A realização de uma qualquer investigação implica por parte do investigador o cumprimento de princípios éticos, de forma a não se originarem eventuais conflitos de interesses entre o mesmo a população/amostra-alvo.

No presente estudo foram considerados os seguintes aspectos: respeito e garantia dos direitos dos participantes (possibilitando a desistência dos mesmos em qualquer fase do processo); esclarecimento aos participantes sobre todos os aspectos da investigação que podem ter influência na sua decisão de nela colaborar ou não; protecção dos

participantes de quaisquer danos ou prejuízos físicos, morais e profissionais no decurso da investigação ou causadas pelos resultados que venham a ser obtidos; informação aos participantes acerca dos resultados da investigação e do mesmo modo, esclarecimento de quaisquer dúvidas que estes possam originar; garantia da confidencialidade da informação obtida (através da utilização de um código específico); e, solicitação e recolha de autorização das instituições a que pertencem os participantes e dos seus respectivos encarregados de educação (cartas de apresentação e explicação do estudo e consentimentos informados) (consultar apêndice A), para inferir quanto à sua colaboração no estudo (Carmo e Ferreira, 2008).

Para além destes princípios orientadores obedeceu-se a uma explicação rigorosa das fontes utilizadas, considerando a genuidade e veracidade aquando da elaboração do relatório de investigação, em particular no que respeita aos resultados e conclusões.

Finalmente, foram respeitadas ainda outras regras igualmente fundamentais e indispensáveis, designadamente a fidelidade quanto aos dados recolhidos e aos resultados alcançados, assegurando-se o não enviesamento das conclusões (*idem*).

Relativamente ao método de tratamento de dados recorreu-se ao SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) (versão 17.0). Este programa é usado para a análise de dados permitindo manipular, transformar e criar tabelas e gráficos que resumam a informação obtida. Sendo a presente investigação de carácter descritivo, a análise estatística basear-se-á na evidência de construtos e factos de estatística descritiva.

Este processo apoia-se na caracterização estatística das crianças avaliadas (amostra do estudo), recorrendo-se, para tal, à descrição de frequências absolutas e relativas de cada uma das características, tendo em conta as características pessoais destes participantes (idade de gestação ao nascimento, idade cronológica, género).

Estas análises vão suportar a interpretação dos dados e a extracção de conclusões.

## **Resultados**

A análise dos resultados desta investigação inicia-se tendo em conta os dados da caracterização sócio-demográfica da amostra, com uma apresentação de todos os dados

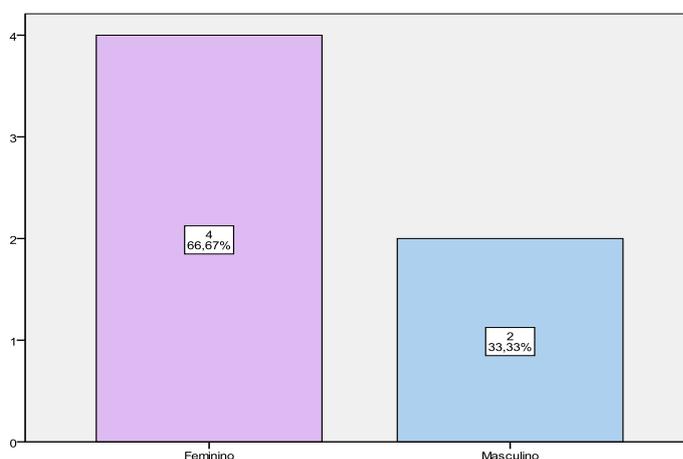
contemplados na mesma (tabela 1 – base de dados da caracterização sócio-demográfica), bem como uma análise descritiva e por meio de gráficos desses elementos. A fase seguinte comporta uma apresentação descritiva dos resultados e respostas obtidas de acordo com os elementos de avaliação contemplados no instrumento de recolha de dados, igualmente acompanhada por gráficos e tabelas.

Código de identificação dos Participantes	Gênero	Idade Cronológica	Data de Nascimento	Idade de Gestação ao Nascimento (IGN)	Habilitações Literárias Encarregados de Educação	Estabelecimento de Ensino	Sala a que pertencem
PT1	F	5A; 11M	01-07-2004	36 semanas	Licenciada	Escola A	Sala 5 anos
T1	F	5A; 11M	24-07-2004	38 semanas	3.º Ano Académico	Escola A	Sala 5 anos
PT2	F	4A; 10M	30-08-2005	36 semanas	Licenciada em Gestão e Contabilidade	Escola B	Sala 4 anos
T2	F	4A; 10M	11-08-2005	40 semanas	12.º Ano	Escola B	Sala 4 anos
PT3	M	4A; 6 M	30-12-2005	36 semanas	10.º Ano	Escola B	Sala 4 anos
T3	M	4A; 6 M	07-12-2005	42 semanas	12.º Ano	Escola B	Sala 4 anos

Legenda: M - Masculino; F - Feminino

**Tabela 2:** Base de dados da caracterização sócio-demográfica

Neste sentido, relativamente à caracterização sócio-demográfica observou-se que, dos 6 participantes deste estudo, 4 (66,7%) pertenciam ao género feminino e 2 (33,3%) ao género masculino (Gráfico 1).



**Gráfico 1:** Distribuição dos participantes por género

Quanto às faixas etárias (Gráfico 2), estas variaram entre os 4 anos e 6 meses (2 utentes – 33,3%), 4 anos e 10 meses (2 utentes – 33,3%) e os 5 anos e 11 meses de idade (2 utentes – 33,3%). Relativamente à idade de gestação ao nascimento (Gráfico 3), verificou-se que todas as crianças prematuras (3 – 50%) apresentaram uma IGN igual a

36 semanas, sendo que das crianças nascidas a termo uma criança (16,7%) nasceu às 38 semanas, outra (16,7%) nasceu às 40 semanas e a restante, uma criança (16,7%) nasceu às 42 semanas de gestação.

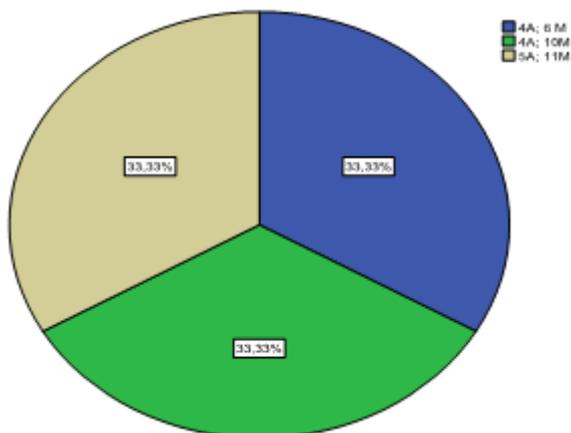


Gráfico 2: Distribuição dos participantes por idade cronológica

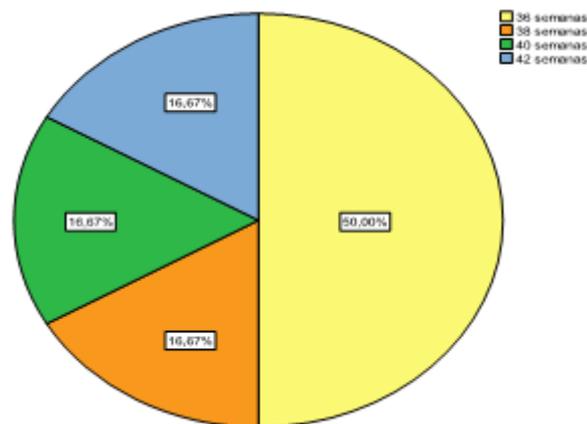


Gráfico 3: Distribuição dos participantes por Idade de Gestação ao Nascimento

No que concerne aos estabelecimentos de Jardim-de-Infância (Gráfico 4) aos quais os participantes pertencem observou-se que 2 (33,3%) pertenciam à Escola A e 4 (66,7%) pertenciam à Escola B. Os participantes encontravam-se distribuídos por salas distintas (Gráfico 5), nomeadamente 4 (66,7%) participantes eram da “Sala dos 4 anos” e os restantes 2 (33,3%) participantes eram da “Sala dos 5 anos”.

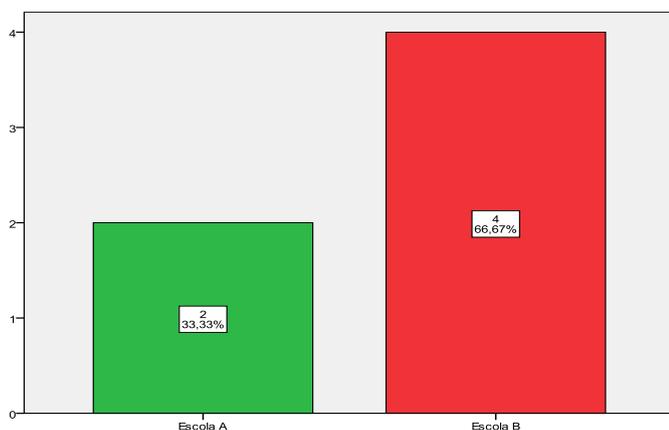


Gráfico 4: Distribuição dos participantes por Estabelecimentos de Ensino

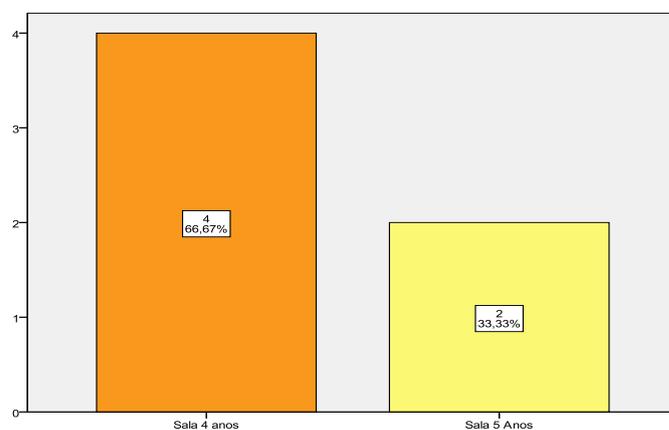
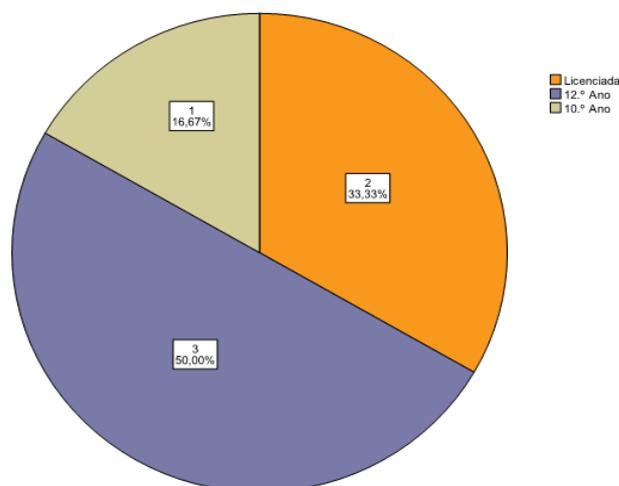


Gráfico 5: Distribuição dos participantes por Sala

Finalmente, no que respeita à escolaridade dos encarregados de educação (Gráfico 6) constatou-se que dois encarregados de educação (33,33%) são licenciados, um (16,7%) tem o 10.º ano de escolaridade e os restantes 3 (50%) completaram o 12.º ano. As

tabelas de frequências referentes a estes dados apresentam-se em apêndice (ver apêndice B).



**Gráfico 6:** Distribuição dos Encarregados de Educação por Habilitações Literárias

Relativamente às respostas obtidas na prova de avaliação, quer a nível fonético quer fonológico, nos sub-testes fonético e fonológico, respectivamente, apresentam-se de imediato, sob a forma de tabela, o número de ocorrências de cada processo, bem como o total de processos ocorridos, comparando sempre as produções de crianças nascidas pré-termo e a termo. Posteriormente, segue-se a descrição da cotação total obtida nas duas provas para os dois grupos de participantes e o percentil a que correspondem, igualmente nas duas provas.

Após aplicação do sub-testes fonético verificou-se que as crianças prematuras apresentaram um total de 49 (54,44%) processos fonéticos ocorridos e as crianças nascidas a termo produziram um total de 16 (17,77%) processos fonéticos.

Processos Fonéticos	Número de ocorrências de processos fonéticos	
	Grupo de Crianças Pré-Termo (PT)	Grupos de Crianças nascidas a Termo (T)
<b>Adição</b>	3	2
<b>Omissão</b>	20	8
<b>Substituição</b>	12	3
<b>Distorção</b>	14	3
<b>TOTAL de Processos Ocorridos</b>	49 (54,44%)	16 (17,77%)

**Tabela 3:** Ocorrências de processos fonéticos nos grupos de crianças PT e T

Através do sub-testes fonológico verificou-se que ocorreram 39 (18,52%) processos fonológicos por parte do grupo das crianças pré-termo e 23 (10,95%) processos do grupo de crianças a termo.

Processos Fonológicos	Número de ocorrências de processos fonológicos	
	Grupo de Crianças Pré-Termo (PT)	Grupos de Crianças nascidas a Termo (T)
Omissão de Consoante Final (OCF)	4	1
Redução de sílaba átona Pré-tónica (RSA)	6	9
Redução de Grupo Consonântico (RGC)	6	2
Semivocalização de líquida	16	5
Oclusão	0	4
Anteriorização	0	0
Despalatalização	0	0
Posteriorização	1	0
Palatalização	6	1
Desvozeamento	0	1
<b>TOTAL de Processos Ocorridos</b>	39 (18,52%)	23 (10,95%)

**Tabela 4:** Ocorrências de processos fonológicos nos grupos de crianças PT e T

Quanto às cotações totais obtidas em ambas as provas de avaliação e percentis correspondentes apresentam-se os resultados para os dois grupos de crianças.

No sub-testes fonético as crianças do grupo PT uma criança (PT<sub>1</sub>) obteve 78 pontos encontrando-se abaixo do P<sub>5</sub> para a sua idade, outra criança (PT<sub>2</sub>) completou os 72 pontos, que corresponde ao P<sub>10</sub> e a restante criança (PT<sub>3</sub>) totalizou 67 pontos registando-se entre o P<sub>5</sub> e o P<sub>10</sub> para a sua faixa etária.

Comparativamente, no grupo T uma criança (T<sub>1</sub>) obteve 85 pontos encontrando-se abaixo do P<sub>5</sub> para a sua idade, outra criança (T<sub>2</sub>) alcançou os 80 pontos situando-se abaixo do P<sub>25</sub> e a restante criança (T<sub>3</sub>) completou 82 correspondendo ao P<sub>10</sub> para a sua faixa etária.

Cotações e Percentis Totais do sub-testes Fonético	Grupo de Crianças Pré-Termo (PT)			Grupos de Crianças nascidas a Termo (T)		
	PT <sub>1</sub>	PT <sub>2</sub>	PT <sub>3</sub>	T <sub>1</sub>	T <sub>2</sub>	T <sub>3</sub>
Cotação Total	78	72	67	85	80	82
Percentil Total	< P <sub>5</sub> corresponde: P <sub>5</sub> - [5;0-5;6[	P <sub>10</sub> [4;6-4;12[	P <sub>5</sub> < x < P <sub>10</sub> [4;6-4;12[	<P <sub>5</sub> corresponde: P <sub>25</sub> - [5;0-5;6[	<P <sub>25</sub> [4;6-4;12[	P <sub>10</sub> [4;6-4;12[

**Tabela 5:** Cotações e Percentis totais obtidos no sub-teste fonético pelos grupos de crianças PT e T

Após a aplicação do sub-testes fonológico verificou-se que no grupo PT (tabela 6) para o processo de omissão de consoante final 2 crianças obtiveram 26 pontos e uma

apresentou 20 pontos, variando entre o P<sub>5</sub> e o P<sub>25</sub>. Para o processo de redução de sílaba átona pré-tónica duas crianças apresentam 19 pontos, situando-se no P<sub>10</sub>, e uma teve 21 pontos (P<sub>50</sub>). No processo de redução de grupo consonântico também duas crianças alcançaram 19 pontos (P<sub>50</sub>) e uma obteve 13 pontos (abaixo do P<sub>25</sub>). Ao nível dos processos de substituição, no mesmo grupo observou-se que na semivocalização de líquida uma criança registou 7 pontos e as duas restantes apresentaram 17 pontos. No processo de oclusão PT<sub>1</sub> e PT<sub>2</sub> tiveram 31 pontos e PT<sub>3</sub> teve 30, situando-se os três utentes abaixo do P<sub>5</sub>. Para a anteriorização PT<sub>1</sub> e PT<sub>2</sub> registaram 29 pontos, encontrando-se no P<sub>50</sub> e PT<sub>3</sub> apresentou 28 pontos, registando-se abaixo do P<sub>5</sub>. Ao nível da despalatalização PT<sub>1</sub> e PT<sub>2</sub> apresentaram 17 pontos (P<sub>50</sub>) e PT<sub>3</sub> apresentou 16 pontos (P<sub>5</sub>). Para o processo de posteriorização observou-se que as três crianças obtiveram 25 pontos, registando-se ao nível do P<sub>50</sub>. Na palatalização PT<sub>1</sub> e PT<sub>2</sub> tiveram 10 pontos (P<sub>50</sub>) e PT<sub>3</sub> teve 4 pontos (abaixo do P<sub>5</sub>). Por último, no desvozeamento, as três crianças pré-termo alcançaram 6 pontos (PT<sub>1</sub> – P<sub>50</sub>; PT<sub>2</sub> e PT<sub>3</sub> – P<sub>25</sub>).

<b>Grupo de Crianças Pré-Termo (PT)</b>			
<b>Processos Fonológicos</b>	<b>Cotações - Percentis</b>		
	<b>PT<sub>1</sub></b> (5A; 11M)	<b>PT<sub>2</sub></b> (4A; 10M)	<b>PT<sub>3</sub></b> (4A; 6M)
<b>Omissão de Consoante Final (OCF)</b>	26 P <sub>10</sub>	26 P <sub>10</sub> < x < P <sub>25</sub>	20 P <sub>5</sub> < x < P <sub>10</sub>
<b>Redução de Sílaba Átona Pré-Tónica (RSA)</b>	21 P <sub>50</sub>	19 P <sub>10</sub>	19 P <sub>10</sub>
<b>Redução de Grupo Consonântico</b>	19 P <sub>50</sub>	19 P <sub>50</sub>	13 < P <sub>25</sub>
<b>Semivocalização de líquida (SL)<sup>1</sup></b>	7	17	17
<b>Oclusão (OCL)</b>	31 < P <sub>5</sub>	31 < P <sub>5</sub>	30 < P <sub>5</sub>
<b>Anteriorização (ANT)</b>	29 P <sub>50</sub>	29 P <sub>50</sub>	28 < P <sub>5</sub>
<b>Despalatalização (DES)</b>	17 P <sub>50</sub>	17 P <sub>50</sub>	16 P <sub>5</sub>
<b>Posteriorização (POS)</b>	25 P <sub>50</sub>	25 P <sub>50</sub>	25 P <sub>50</sub>
<b>Palatalização (PAL)</b>	10 P <sub>50</sub>	10 P <sub>50</sub>	4 < P <sub>5</sub>
<b>Desvozeamento (DESV)</b>	6 P <sub>50</sub>	6 P <sub>25</sub>	6 P <sub>25</sub>

**Tabela 6:** Cotações e Percentis totais obtidos em todos os processos fonológicos pelo grupo de crianças PT

No grupo de controlo (tabela 7) T<sub>1</sub> e T<sub>3</sub> obtiveram 25 pontos e T<sub>2</sub> teve 24 pontos, sendo que P<sub>1</sub> se registou entre P<sub>5</sub> e P<sub>10</sub> e o T<sub>2</sub> e T<sub>3</sub> apresentaram-se entre o P<sub>10</sub> e o P<sub>25</sub>, para o

<sup>1</sup> Apresentam-se apenas as cotações deste processo, uma vez que o Manual de apoio à prova de avaliação utilizada não refere os dados normativos inerentes aos percentis para este processo.

processo de omissão de sílaba final. No que respeita à redução de sílaba átona pré-tónica duas crianças (T<sub>1</sub> e T<sub>3</sub>) alcançaram 19 pontos (ambos no P<sub>5</sub>) e uma criança (T<sub>2</sub>) obteve 18 pontos, estando abaixo do P<sub>5</sub>. No último processo referente à estrutura silábica – redução de grupo consonântico - T<sub>1</sub> apresentou 19 pontos (P<sub>50</sub>), T<sub>2</sub> completou 17 pontos e T<sub>3</sub> totalizou 13 (estes últimos encontrando-se entre o P<sub>25</sub> e o P<sub>50</sub>). Relativamente ao grupo de processos de substituição, para a semivocalização de líquida uma criança (T<sub>1</sub>) registou 13 pontos, outra (T<sub>2</sub>) teve 18 pontos e a restante (T<sub>3</sub>) completou 19 pontos. Na oclusão as três crianças nascidas a termo registaram-se abaixo do P<sub>5</sub>, a primeira com 31 pontos, a segunda com 29 e a última com 30. Para a anteriorização T<sub>1</sub> teve 28 pontos, T<sub>2</sub> com 26 pontos (ambos abaixo do P<sub>5</sub>) e T<sub>3</sub> apresentou 29 pontos (abaixo do P<sub>50</sub>). No processo de despalatalização T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub> obtiveram 16 pontos, situando-se as duas crianças abaixo do P<sub>5</sub>, e T<sub>3</sub> completou 17 pontos encontrando-se no P<sub>50</sub>. Para a posteriorização as crianças T<sub>1</sub> e T<sub>3</sub> obtiveram 5 pontos (P<sub>50</sub>) e T<sub>2</sub> apresentou 22 pontos (abaixo do P<sub>5</sub>). No penúltimo processo (palatalização) T<sub>1</sub>, com 9 pontos registou-se abaixo do P<sub>5</sub> e as restantes crianças, ambas com 10 pontos, situaram-se no P<sub>50</sub>. Finalmente, ao nível do desvozeamento, as primeiras duas crianças obtiveram 6 pontos (T<sub>1</sub> no P<sub>50</sub> e T<sub>2</sub> no P<sub>25</sub>) e a restante (T<sub>3</sub>) completou 5 pontos (P<sub>10</sub>).

<b>Grupo de Crianças a Termo (T)</b>			
<b>Processos Fonológicos</b>	<b>Cotações – Percentis</b>		
	<b>T<sub>1</sub></b> (5A; 11M)	<b>T<sub>2</sub></b> (4A; 10M)	<b>T<sub>3</sub></b> (4A; 6M)
<b>Omissão de Consoante Final (OCF)</b>	25 P <sub>5</sub> < x < P <sub>10</sub>	24 P <sub>10</sub> < x < P <sub>25</sub>	25 P <sub>10</sub> < x < P <sub>25</sub>
<b>Redução de Sílaba Átona Pré-Tónica (RSA)</b>	19 P <sub>10</sub>	18 < P <sub>5</sub>	19 P <sub>10</sub>
<b>Redução de Grupo Consonântico</b>	19 P <sub>50</sub>	17 P <sub>25</sub> < x < P <sub>50</sub>	13 P <sub>25</sub> < x < P <sub>50</sub>
<b>Semivocalização de líquida (SL)</b>	13	18	19
<b>Oclusão (OCL)</b>	31 < P <sub>5</sub>	29 < P <sub>5</sub>	30 < P <sub>5</sub>
<b>Anteriorização (ANT)</b>	28 < P <sub>5</sub>	26 < P <sub>5</sub>	29 < P <sub>50</sub>
<b>Despalatalização (DES)</b>	16 < P <sub>5</sub>	16 P <sub>5</sub>	17 P <sub>50</sub>
<b>Posteriorização (POS)</b>	25 P <sub>50</sub>	22 < P <sub>5</sub>	25 P <sub>50</sub>
<b>Palatalização (PAL)</b>	9 < P <sub>5</sub>	10 P <sub>50</sub>	10 P <sub>50</sub>
<b>Desvozeamento (DESV)</b>	6 P <sub>50</sub>	6 P <sub>25</sub>	5 P <sub>10</sub>

**Tabela 7:** Cotações e Percentis totais obtidos em todos os processos fonológicos pelo grupo de crianças T

## **Discussão**

Neste ponto fulcral serão discutidos os resultados finais, tendo em conta os objectivos traçados inicialmente para o presente estudo.

Relativamente à caracterização sócio-demográfica participou um maior número de crianças na faixa etária dos 4 anos de idade. Quanto à IGN verificaram-se idades comuns por parte dos participantes pré-termo, uma vez que todos tiveram um período de gestação de 36 semanas. O mesmo não se verificou com os participantes nascidos a termo, os quais apresentaram períodos de gestação distintos.

Considerando que a maioria dos participantes se encontrava entre os 4 anos e os 4 anos e 11 meses de idade, compreende-se que haja maior número destes pertencentes à sala dos 4 anos.

No que respeita ao grau de escolaridade dos encarregados de educação dos participantes, este dado foi contemplado uma vez que poderia influenciar o desenvolvimento adequado dos mesmos. Neste caso verificou-se que dos seis encarregados de educação, três deles apresentam maior frequência absoluta quanto às suas habilitações literárias, sendo mais incidente o 12.º ano de escolaridade.

Após análise dos resultados obtidos constatou-se que as crianças do grupo PT em comparação com as do grupo T apresentaram maior ocorrência quer de processos fonéticos quer fonológicos: 49 (54,44%) processos fonéticos produzidos pelas crianças do grupo PT e 16 (17,77%) pelas crianças do grupo de controlo; 39 (18,52%) processos fonológicos produzidos pelo grupo PT e 23 (10,95%) pelas crianças do grupo T.

Assim, é possível comprovar que a nível fonético (isto é, a nível da produção oral) o grupo de crianças prematuras apresenta resultados inferiores ao que seria esperado para as suas faixas etárias (quer aos 4 anos quer aos 5 anos de idade) comparativamente ao grupo de crianças nascidas a termo.

A nível fonológico (consciência, integração e discriminação dos sons da fala), no grupo das crianças pré-termo verificou-se que, na totalidade dos três participantes, em 27 processos existem 13 situados no P<sub>50</sub>. Observou-se ainda um maior número de crianças

abaixo do P<sub>5</sub> no grupo de crianças a termo do que no grupo de crianças pré-termo. No entanto, não se observaram grandes disparidades em relação ao grupo de controlo.

O facto de em ambos os grupos de crianças os participantes estarem dentro da média para a sua idade, comprova que estão numa fase de consolidação/integração linguística. Por outro lado, as crianças que se encontram num patamar inferior ao esperado para a idade poder-se-á supor que se encontram numa fase de aquisição e/ou desenvolvimento muito básicas, que necessitam de estimulação contínua. Contudo, devido à ausência de percentis para o processo de semivocalização de líquida (processo que não consta na grelha de análise do referido teste), não é possível inferir se este parâmetro terá influenciado os resultados obtidos.

Se de certo modo estes resultados são coniventes com os estudos e pesquisas de Schirmer, Portuguez e Nunez (2006), Gama et al (2001) e de Ishii et al (2006), nos quais os autores concluíram que quanto menor a IGN, maior a possibilidade das crianças apresentarem alterações na aquisição da linguagem, sendo que as crianças pré-termo apresentaram maior incidência de atrasos no desenvolvimento da fala e da linguagem, nomeadamente aos 4 e 5 anos de idade, por outro lado destacam-se as hipóteses colocadas pelos mesmos autores que mencionaram que os aspectos do ambiente familiar e social, para além de factores biológicos e orgânicos, também são fortes indicadores do desenvolvimento linguístico e da fala das crianças.

Em suma, as disparidades observadas entre os grupos PT e T poderão derivar do facto das crianças pré-termo efectivamente apresentarem hábitos orais e/ou alterações da Motricidade Orofacial em maior número e/ou frequência do que as crianças a termo (e daí apresentarem maior número de processos fonéticos), mas no que concerne ao desenvolvimento e estimulação linguísticas estas até podem ser alvo de uma estimulação adequada. Para além destes aspectos, a nível fonológico as divergências nos resultados entre as crianças do grupo de controlo e o grupo alvo poderão igualmente resultar da estimulação exercida pelos pais/cuidadores e educadores.

Nesta perspectiva, considera-se que seria fundamental e imprescindível elaborar um questionário dirigido aos pais e educadores, visando investigar a (in)existência de hábitos orais das crianças e actividades que realizam com as mesmas nos dois contextos

(familiar e pedagógico/social). Para além disto, mais uma vez enfatizam-se aqui as questões inerentes à estimulação familiar às quais se pretenderam averiguar e inferir através da informação acerca das habilitações literárias dos encarregados de educação (que continuam a ser insuficientes num estudo com uma amostra tão reduzida e com dados tão pouco específicos para esse âmbito).

## **Conclusão**

Com o intuito primordial de verificar as disparidades e/ou semelhanças entre as competências de articulação verbal e respectivas habilidades de integração cognitiva dos sons da língua das crianças pré-termo (com IGN inferior às 37 semanas) e das crianças nascidas a termo (IGN igual ou superior a 37 semanas), foram considerados como ponto de partida para esta investigação outros estudos que reflectissem e fundamentassem tal situação. Deste modo, e apesar de a amostra ser muito reduzida, de acordo com as investigações de Schirmer, Portuguez e Nunez (2006), Gama et al (2001) e de Ishii et al (2006), está comprovado que as crianças prematuras têm maior tendência a desenvolver alterações e atrasos na aquisição e desenvolvimento da linguagem e da fala entre os 4 e os 5 anos de idade. Por outro lado, os mesmos autores, e outros (Carvalho, Linhares e Martinez (2001); Gassar e Piek (2003); Kilbrid, Tharstad e Daily (2004) e Vohr et al (2000)), salvaguardam que estas alterações também poderão advir de um conjunto de outros factores igualmente importantes para além da prematuridade, tal como aspectos inerentes ao desenvolvimento orgânico e biológico do ser humano, ambiente e estimulação familiar e ambiente social envolvente.

Neste contexto, pretendendo-se também averiguar se o ambiente e estimulação familiares e sociais poderiam, efectivamente, interferir no seu desenvolvimento, contemplaram-se as variáveis referentes ao estabelecimento de ensino e sala que os participantes frequentam e, principalmente, as habilitações literárias dos encarregados de educação. No entanto, considera-se que informações acerca de hábitos orais, bem como uma avaliação mais pormenorizada da Motricidade Orofacial seriam fundamentais para perceber os baixos resultados obtidos no sub-testes fonético.

Se forem tidos em atenção os resultados obtidos (tabela 1 – caracterização sócio-demográfica) nestes parâmetros é possível constatar que para esta amostra estes dados são insuficientes: seriam necessários mais dados acerca de outros aspectos, nomeadamente, a interacção com das crianças com os seus pais, o ambiente familiar vivido em casa (por exemplo, se os pais se encontram divorciados ou não), interacção entre amigos, pares e docentes de educação de infância, tipo e grau de estimulação da docente com as várias crianças prematuras e não prematuras, entre outros.

Todavia, também há estudos (Carvalho, Linhares e Martinez, 2001) que revelam que a prematuridade pode não ser condicionadora de dificuldades da fala, linguagem, audição, deglutição e patologias neuropsicomotoras, pelo facto, por exemplo, de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre crianças nascidas pré-termo e a termo (entre os 8 e os 10 anos de idade e durante os primeiros anos de vida, respectivamente), relativamente aos padrões da fala, linguísticos e cognitivos. Contudo, salienta-se que nestes estudos não são especificados o que são padrões de fala, pelo que não podemos comparar a presente investigação com as dos autores mencionados. É também por este último motivo que se considera pertinente a realização de uma avaliação mais cuidada e precisa, nomeadamente através da avaliação do discurso espontâneo.

Embora nesta investigação não tinha sido realizada a avaliação do discurso espontâneo, aspecto este que é visto como uma limitação ao estudo, é deixada em aberto a oportunidade de se dar continuidade ao mesmo, podendo para tal recorrer à avaliação mencionada.

Sugere-se ainda que em investigações futuras neste âmbito, a amostra seja composta por um maior número de participantes, podendo inclusivamente possibilitar a aferição e validação destes estudos a nível nacional.

Finalmente, evidencia-se a pertinência desta investigação, pelo facto de existirem estudos anteriores que evidenciam que todos estes aspectos podem influenciar o desenvolvimento adequado das crianças determinando possíveis ocorrências de alterações da fala. Por outro lado, foi igualmente fundamental considerar que as

crianças prematuras estão mais predispostas a desenvolver estas mesmas alterações. Porém, enfatiza-se, novamente, o facto de tais resultados terem sido mais específicos para o sub-testes fonético, pois conforme os resultados (e apesar de serem produzidos maior número de processos sempre no grupo PT do que T), esta disparidade no contexto fonológico reflecte uma diferença de percentis quando as crianças PT são comparadas com as crianças emparelhadas (do grupo de controlo). Uma possível hipótese (ou seja, uma hipótese que não pode ser totalmente considerada como certa) é o facto de poder existir maior estimulação a nível linguístico (fonológico) e menor estimulação no que diz respeito aos hábitos orais.

Perante tais resultados, considera-se que seria fundamental investigar este aspecto, bem como todos os aspectos inerentes à Motricidade Orofacial, pelo que teria sido essencial realizar uma avaliação a este nível. Deste modo, sugere-se que num artigo futuro seja realizado um questionário dirigido aos encarregados de educação e aos docentes de educação de infância, com o objectivo de saber não só quais as actividades que costumam ser realizadas, mas também quais os hábitos orais existentes e mais frequentes destas crianças, podendo este instrumento ser anexado aos restantes documentos dirigidos aos mesmos destinatários.

Devido a todo este conjunto de factores e, principalmente, pelo aumento significativo do índice de prematuridade ao longo dos anos, torna-se clara a importância da realização de investigações deste carácter, uma vez que possibilitam a detecção precoce de problemas futuros e o respectivo encaminhamento para Terapia da Fala.

Deste modo, conclui-se que os estudos que apontam para a presença de alterações linguísticas e da fala são mais frequentes e prováveis em crianças prematuras do que em crianças nascidas a termo. Assim, considera-se que os objectivos propostos para investigação, formulados inicialmente, foram alcançados.

### **Referência bibliográficas**

ASHA – American Speech-Hearing-Language Association (2007). What is language?

What is speech?. Disponível on-line em: [www.asha.org/public/speech/development/language\\_speech.htm](http://www.asha.org/public/speech/development/language_speech.htm). Último acesso em: 30-10-2009.

Bloch, H., Lequien, P. & Provasi, J. (2003). *A criança prematura*. Lisboa: Instituto Piaget.

Carmo, H. e Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. (2.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, A. E. V.; Linhares, M. B. M. e Martinez, F. E.. (2001). História do desenvolvimento e comportamento de crianças pré-termo e baixo peso (<1500g). In *Psicologia: reflexão e crítica*. Volume 14 (1). Disponível on-line em: [www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5204.pdf](http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5204.pdf). Último acesso em 07-06-2010.

Castro. S. L. & Gomes, I. (2000). *Dificuldade de aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

Delgado-Martins, M. R. (2005). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

Direcção-Geral da Saúde, Ministério da Saúde. (2002). *Plano Nacional de Saúde 2004-2010*. Disponível on-line em: [www.dgssaude.min-saude.pt/pns/vol2\\_431.html](http://www.dgssaude.min-saude.pt/pns/vol2_431.html). Último acesso em: 09-06-2010.

Faria et al (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Faria, I. H. e tal (2005). *Introdução*. In Faria, I. H. et al (Orgs). *Introdução linguística geral e portuguesa*. (2.<sup>a</sup> Ed; 1.<sup>a</sup> Ed, 1996). Lisboa: Editorial Caminho

Ferrante, C.; Van Borsel, J. e Pereira, M.M.B. (2009). “Análise dos processos fonológicos em crianças com desenvolvimento fonológico normal”. Rio de Janeiro: *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia* (Volume 10). Disponível on-line em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v14n1/08.pdf>. Último acesso em: 25-10-2009.

Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação – da concepção à realização*. (3.<sup>a</sup> Ed.).

Loures: Lusociência.

Fromkin, V. & Rodman, R. (1993). *Introdução à linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Gama, A. D. e tal (2001). *Avaliação da fala e linguagem de crianças prematuras*. *Revista de biologia e ciência da terra*. Disponível on-line em: [www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/fala.pdf](http://www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/fala.pdf). Último acesso em: 10-05-2010.

Gassar, N. e Piek, J. P. (2003). A longitudinal investigation of development of fullterm preterm and 'at risk' infants from birth to four years using a parente report measure. In: 38<sup>th</sup> APS Annual Conference. Western Australia: The Australian Psychological Society Ltd. Disponível on-line em: [espae.lis.curtin.edu.au/archive/00000253/01/APS4.pdf](http://espae.lis.curtin.edu.au/archive/00000253/01/APS4.pdf). Último acesso em: 04-03-2010.

Guimarães, I. & Grillo, M. (1997). *Manual de articulação verbal – 2.º Curso teórico-prático*. Alcoitão: Fisiopraxis.

Haas, D.M. (2007). Preterm birth. *BMJ Clinical Evidence*. Disponível on-line em: [clinicalevidence.bmj.com/ceweb/conditions/pac/1404/1404\\_bakcground.jsp#REF1](http://clinicalevidence.bmj.com/ceweb/conditions/pac/1404/1404_bakcground.jsp#REF1). Último acesso em: 01-12-2009.

Hicks, C. (2006). *Métodos de Investigação para Terapeutas Clínicos: Concepção de projectos de aplicação e análise*. (3.ª Ed.). Loures: Lusociência.

Ishii, C. et al. (2006). Caracterização de comportamentos linguísticos de crianças nascidas prematuras, aos quatro anos de idade. *Revista CEFAC*. Volume 8 (2), 147-54. Disponível on-line em: [http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-logo/lenguaje\\_y\\_prematiuros.pdf](http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-logo/lenguaje_y_prematiuros.pdf). Último acesso em: 26-10-2009.

Kilbride, H. W.; horsthad, K. e Daily, D. K. (2004). Preeschool outcome of less than 801 gram preterm infants compared with fullterm siblings. In "Pediatrics". Volume 113 (4). Disponível on-line em: [www.pediatrics.org/cgi/content/full/113/4/742](http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/113/4/742). Último acesso em: 03-04-2010.

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade - Licenciatura em Terapia da Fala*

Mateus, M.H.M.; Falé, I. e Freitas, M.J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mendes, A.; Afonso, E; Lousada, M. & Andrade, F. (2009). *Teste Fonético-Fonológico – Avaliação da linguagem pré-escolar*. (1.ª Ed.). Aveiro: Fundação Calouste Gulbenkian e Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de Aveiro.

Perissinoto, J e Isoatni, S. M. (2003). *Desenvolvimento da linguagem: programa de acompanhamento de recém-nascidos de risco*. In: Hernandez, A. M. (org). “O Neonato de risco”. São José dos Campos: Pulso.

Rugolo, L. M. S. S. (2005). *Crescimento e desenvolvimento a longo prazo do prematuro extremo*. “Jornal Pediatric” Volume 81 (1 Supl.). Disponível on-line em: [www.scielo.br/pdf/jped/v8n1s1/v8ns1a13.pdf](http://www.scielo.br/pdf/jped/v8n1s1/v8ns1a13.pdf). Último acesso em: 01-03-2010.

Salvador, A (s.d). *Nascer prematuro*. Disponível on-line em: <http://www.nascerprematuro.org/content/section/3/32/>. Último acesso em: 01-12-2009.

Schirmer, C. R; Portuguez, M. W. e Nunez, M. L. (2006). *Clinical assesment of language development in children at age 3 years that were born preterm*. “Ang. Neuropsiquiatric. Volume 64 (4). Disponível on-line em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X2006000060000078Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2006000060000078Ing=en&nrm=iso). Último acesso em: 01-03-2010.

Sim-Sim, I.. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Stackhouse, J. & Wells, B. (1997). *Children’s speech and literacy difficulties: a psycholinguistic framework*. (Re-impresso 2005). London: Whurr Publishers.

Sousa, S. e Vidal, M. M. (2010). *Registo da análise fonética e fonológica do discurso espontâneo*.

Vohr, B. R. et al (2000). *Neurodevelopmental and functional outcomes of extremely low birth weight infants in the National Institute of Development Neonatal Research*

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade* - Licenciatura em Terapia da Fala

Network. Disponível on-line em: [www.pediatrics.org/cgi/content/full/105/6/1216](http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/105/6/1216).

Último acesso em: 01-02-2010.

Yavas, M.; Hernandorena, C. & Lamprecht, R. (1991). Avaliação fonológica da criança, reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas.

# APÊNDICES

# **APÊNDICE A**

## **- Consentimento Informado -**

Susana Sousa

Universidade Atlântica

Licenciatura em Terapia da Fala

Antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena

2730-036 Barcarena

Exmos. (as) Srs. (as) Encarregados  
de Educação do Jardim-de-Infância

Queijas, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

Exmos. Encarregados de Educação,

Sou aluna do 4.º ano do curso de Terapia da Fala da Universidade Atlântica. No âmbito da realização de monografia de final de curso, encontro-me a realizar um estudo com o tema “*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade*”, sob a orientação da Professora Maria Manuel Vidal.

O estudo visa caracterizar a articulação verbal de crianças com idades entre os 4 anos e 0 meses e os 5 anos e 11 meses de idade, que nasceram prematuramente, comparando-as com um grupo de crianças nascidas a termo, analisando a influência da idade de gestação ao nascimento nas características da fala das crianças.

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de o desenvolvimento da fala e da linguagem ser um indicador fundamental acerca do desenvolvimento global da criança, estando associado ao sucesso escolar e à adaptação psicossocial e comportamental.

A articulação verbal fazendo parte da expressão verbal oral e influenciando as suas componentes de desenvolvimento (ao nível do vocabulário e construção frásica) é considerada uma base importante para a adequada expansão linguística a nível global e, nomeadamente, um pilar para o desenvolvimento da leitura e da escrita. As razões que presidiram à opção da comparação entre crianças nascidas pré-termo e crianças nascidas a termo foram os indícios de que a prematuridade poderá ser um factor condicionador

nas várias áreas do desenvolvimento. Deste modo, o presente estudo apresenta um contributo fundamental na medida em que visa a melhorar a prevenção e o trabalho de equipa entre os diversos profissionais.

O método de selecção das crianças participantes contará com o auxílio inicial das educadoras de infância para a recolha da informação da idade gestacional das crianças, sendo as mediadoras neste processo entre a aluna e os encarregados de educação.

Os dados serão recolhidos através da aplicação de um teste que consiste na nomeação de imagens, por parte da criança participante, e que tem uma duração aproximada de 10 a 15 minutos. Esta avaliação recorre à gravação áudio para posterior registo e análise das produções da criança no teste.

A recolha de informação tem fins meramente científicos, recorrendo para tal a meios pedagógicos, estando assegurada a confidencialidade mediante a atribuição de um código a todos os documentos de registo, não sendo divulgada a identidade dos participantes.

De modo a permitir o acesso dos participantes aos resultados, será disponibilizado um exemplar do mesmo à instituição.

O conhecimento acerca do desenvolvimento das crianças prematuras é essencial para a estimulação das várias áreas do desenvolvimento, para a prevenção de problemas a este nível, detecção precoce das alterações de linguagem e fala e consequente intervenção na área da Terapia da Fala. Neste processo, a colaboração do Terapeuta da Fala, do Educador de Infância e da família é essencial, pelo que se pensa que este trabalho será uma mais-valia para todos os intervenientes no desenvolvimento da criança.

Deste modo, venho por este meio solicitar a V. Exas. autorização, a vossa disponibilidade e colaboração para a realização deste estudo.

Sem outro assunto de momento,  
Apresento os meus melhores cumprimentos,

---

Susana Sousa

**Código Id.:** \_\_\_\_\_

### **Declaração de consentimento Informado**

De acordo com a Declaração de Helsínquia de 2008

**Designação:** Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade

Eu, abaixo-assinado(a), \_\_\_\_\_  
responsável pela criança \_\_\_\_\_ participante  
no estudo, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da avaliação da fala  
que irá ser realizada, tendo-me sido dada a oportunidade de fazer as perguntas  
necessárias.

Tomei conhecimento acerca dos objectivos e métodos deste estudo. Foi igualmente  
garantido que a minha desistência e/ou a do meu educando não teria qualquer efeito  
posterior nos cuidados prestados e que os dados (nomeadamente a gravação áudio da  
avaliação realizada) serão tratados de forma confidencial e usados unicamente para fins  
pedagógicos e científicos.

Por isso, consinto na participação do meu educando neste estudo, permitindo a  
marcação de sessão de avaliação com o autor do estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_

O (A) Encarregado de Educação responsável pelo(a) participante

\_\_\_\_\_  
A investigadora

<b>Enc. Ed.:</b> _____	<b>Habilitações Literárias:</b> _____
<b>Nome Educando:</b> _____	
<b>Data de Nascimento:</b> _____	<b>Idade de Gestação ao Nascimento:</b> _____ semanas
<b>Código de Identificação:</b> _____ (sala a que pertencem)	
<b>Data:</b> _____	

## **APÊNDICE B**

### **- Tabelas de Frequência: caracterização sócio-demográfica –**

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade - Licenciatura em Terapia da Fala*

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	Feminino	4	66,7
	Masculino	2	100,0
	Total	6	

**Tabela A1:** Género dos participantes

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	5A; 11M	2	33,3
	4A; 10M	2	66,7
	4A; 6 M	2	100,0
	Total	6	

**Tabela A2:** Distribuição dos participantes por idade cronológica dos participantes

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	36 semanas	3	50,0
	38 semanas	1	66,7
	40 semanas	1	83,3
	42 semanas	1	100,0
	Total	6	

**Tabela A3:** Distribuição dos participantes por Idade de Gestação ao Nascimento

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	Escola A	2	33,3
	Escola B	4	100,0
	Total	6	

**Tabela A4:** Distribuição dos participantes por Estabelecimentos de Ensino

*Descrição das características fonéticas e fonológicas das crianças nascidas pré-termo versus a termo entre os quatro e os seis anos de idade - Licenciatura em Terapia da Fala*

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	Sala 4 anos	4	66,7
	Sala 5 Anos	2	100,0
	Total	6	

**Tabela A5:** Distribuição dos participantes por Sala

		Frequência	Percentagem Cumulativa
Valid	Licenciada	1	16,7
	3.º Ano Académico	1	33,3
	Licenciada em Gestão e Contabilidade	1	50,0
	12.º Ano	2	83,3
	10.º Ano	1	100,0
	Total	6	

**Tabela A6:** Distribuição dos Encarregados de Educação pelas Habilitações Literárias